



A hipocrisia da Reforma Política

Alexandre Santos

Comentário sobre a farsa montada em torno do discurso da reforma política.

Durante a campanha eleitoral de 1998, juntamente com outros pequenos partidos, fomos alvo de toda a sorte de grosserias e indelicadezas. Assustados com a sinceridade das campanhas eleitorais de partidos como o PSN, PMN e PSTU, o presidente Cardoso, o vice-presidente Maciel, o presidente do Senado ACM, o presidente da Câmara Temer e outras autoridades se apressaram em destacar a necessidade de uma Reforma Política que impedisse o funcionamento dos pequenos partidos, “os quais atrapalhavam a governabilidade, comprometiam a solidez do quadro partidário, etc. e tal”. Da sua parte, ávida em agradar o *status quo*, a grande imprensa se engajou numa sórdida campanha contra os pequenos partidos e passou a acusá-los de ser apenas legendas eleitorais ou, mesmo, siglas de aluguel. Nesse embalo, um bando de pseudo-intelectuais, sem entender exatamente o significado do que falava, usou a natural fragilidade dos menores partidos para justificar uma Reforma Política que *fortalecesse* o quadro partidário. Nessa linha capenga de argumentação, os defensores da tal reforma se esqueceram de que as reais causas da fragilidade do quadro partidário do país são o descompromisso dos mandatários com as plataformas eleitorais e com os programas partidários, a desinformação do eleitorado, o abuso do poder econômico, a manipulação da mídia, a mobilidade impune dos eleitos, etc. e, não o tamanho dos partidos que disputam as eleições. Passaram, então, a defender uma legislação autoritária que dificulte ao máximo a organização popular.

Agora, a hipocrisia da campanha pelo fortalecimento dos partidos veio à tona. Ainda no período de instalação das casas legislativas eleitas em outubro de 1998, vê-se por todo ao país um movimento parlamentar que, desmoralizando o resultado das eleições e o quadro partidário do país, visa robustecer os maiores partidos. Parlamentares trocam de partido como quem troca de camisa, traindo os eleitores e os partidos pelos quais se elegeram. Essa movimentação, que, em muitos casos, é estimulada por ministros, governadores e líderes, não desmoraliza apenas os partidos, mas, também, o próprio resultado eleitoral. A eleição dos deputados estaduais e federais, por exemplo, é proporcional (a bancada eleita é proporcional ao número de votos alcançado por TODOS os candidatos do partido). Assim, quando troca de partido, o deputado leva consigo, além daqueles que recebeu, os votos dos outros candidatos do seu ex-partido ou coligação que “completaram” sua votação.

A desmoralização é retumbante. Na Câmara dos Deputados, em menos de quinze dias, desde o dia 1º de fevereiro de 1999, início da nova legislatura, nada menos que 43 deputados trocaram de partido. Nessa palhaçada, talvez o caso mais notável tenha sido o do

deputado João Mendes (RJ), que na manhã do dia 02 de fevereiro trocou o PMDB pelo PPB e, na tarde do mesmo dia, percorreu o caminho inverso, deixando o PPB para voltar ao PMDB. Sobre este rumoroso caso, o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), um campeão das acusações contra os pequenos partidos, ao invés de reagir e tentar fortalecer o quadro partidário, abriu os braços para receber João Mendes de volta: "Ele quis voltar, tudo bem, e há lugar para quem quiser vir". De nada valeram os eventuais esforços moralizadores. É o que demonstra o caso do dep. Aírton Roveda (PR), que no dia da posse deixou o PDT para filiar-se ao PFL. Talvez confiando na sinceridade da campanha para "fortalecer o quadro partidário", o PDT desengavetou a carta assinada por Roveda, na qual se comprometia a renunciar ao mandato no caso de trocar de partido, e enviou-a ao presidente da Câmara Michel Temer. Este, outro baluarte da campanha contra os pequenos partidos, esqueceu seu discurso em favor do "fortalecimento do quadro partidário" e mandou arquivar a carta de renúncia do deputado traidor dos votos dados ao PDT. Engrossando o coro entoado por Geddel e Temer, o deputado Inocêncio Oliveira, líder do PFL na Câmara, abriu a boca para afirmar que o troca-troca é normal e só incomoda os pequenos partidos, pois "quando os partidos são pequenos, qualquer perda é muito grande".

A hipocrisia dos apologistas do fortalecimento do quadro partidário através da supressão da liberdade de organização do povo e do esmagamento dos pequenos partidos é impressionante. O comportamento dos deputados Geddel, Temer e Inocêncio e a apatia da grande imprensa, especialmente de seus principais comentaristas políticos, revela a hipocrisia da campanha contra os pequenos partidos em nome do "fortalecimento do quadro partidário". Diante do troca-troca dos parlamentares, os mesmos políticos e comentaristas que tanto falam em acabar os pequenos partidos para fortalecer o quadro partidário calam e chegam, mesmo, a enaltecer a "liderança" dos políticos responsáveis pela sedução dos deputados que traem ao eleitorado e mudam de partido. Nesse momento, o silêncio daqueles que falaram tão mal dos pequenos partidos é significativo e revela que sua preocupação com o fortalecimento do quadro partidário é hipócrita e nada tem a ver com o fortalecimento da democracia.

Viva a liberdade de organização popular! Abaixo a hipocrisia!

Comentário apresentado na "Súmula Solidarista", nº 24, de fevereiro de 1999.